

NAIR GUEDES: Eles me ensinaram muito, a dona, a dona... fala aí Zé... Leonília, Dona Joaninha. Elas contaram pra gente o seguinte. Que quando os operários, os maridos estavam lá na trincheira, já estavam cansados, né? Porque a polícia vinha, ameaçava que vinha, aí eles começaram a falar que já estavam cansados. E elas falaram o seguinte. Bom, então vamos fazer o seguinte. Elas ficavam tomando conta das crianças, da lavoura, de tudo, né? E eles lá da. Aí elas falaram: "olha, então tá bom, vocês ficam aqui, cumprem as nossas tarefas e nós vamos pra trincheira." Aí claro que eles não aceitaram, né, porque imagina mexeu nos brios machistas. Naquela noite a polícia veio, se eles não tivessem lá e foi aí que teve a vitória, né? Então, assim, elas eram muito orgulhosas e aí Celina, nós como feministas, que saudade aqui da minha professora, Celina Albano, eu já realmente naquele momento eu me senti assim bem feminista, né, junto com aquelas mulheres, aprendi muito com elas. Mas eu queria terminar porque não me falta muito tempo, homenageando duas mulheres muito importantes na minha vida. Na vida do nosso país. E que foram guerreiras exemplares. Uma delas já foi citada aqui que é a Gilce Cossenza. Gilce Cossenza, nós entramos juntas na faculdade de serviço social. Muito minha amiga e muito companheira mesmo. E essa Gilce foi torturada, muito torturada. Inclusive, quando ela estava sendo torturada, quando a Gilce, a minha filha nasceu, eu dei o nome da minha filha, dei o nome de Gilce, pra homenagear a Gilce Cossenza. E a Gilce, eu acredito que em função dessas torturas todas que ela sofreu, violência sexual. Vocês não podem imaginar o quê que ela passou. Tem um livro que recomendo a vocês, que eu não tive coragem de ler, chama As Moças de Minas, que aí retrata, relata a vida dessas meninas. Inclusive, quero homenagear a Loreta Valadares, que era companheira, Melgaço Valadares que aqui está e que faleceu. Loreta também faleceu, em 2004 não é Melgaço? Loreta, em função das torturas que ela sofreu, ela adquiriu uma doença no coração, que o coração ia inchando. Então assim, o Melgaço, eu sou testemunha disso porque somos amigos de longa data com o Zé Luiz. Ele cuidou dessa Loreta com tanto carinho. E mesmo ela doente, ela fazia palestras, ela viajava, participava dos congressos. Congressos do PC do B, fazia palestras nas escolas. Então nesse livro, As Moças de Minas, está relatado lá, à repressão a Loreta, as torturas e à Gilce. Então acho que são duas guerreiras e outras companheiras que estão também nesse livro. Mas que queria falar com vocês o seguinte. A Gilce também, eu acho que ela adquiriu essas doenças, os cânceres que a levou a morte, em função de tudo que ela vivenciou, né? A tortura, ela é, ela marca, ela marca as pessoas. E aí às vezes as doenças chegam e a pessoa não consegue debelar. Mas Gilce foi guerreira, sempre muito alegre, muito carinhosa. Então eu queria só lembrar uma coisa, que a Gilce falou comigo uma vez. Que eu tava até falando com alguns jovens ali fora, estudantes de história, né? A Gilce,

era daqui de Minas, casou com Abel, foi pra, depois foi pro Ceará, em Fortaleza. Lá foi candidata a vereadora, foi candidata a deputada. Ela era uma incansável batalhadora pelos direitos humanos e pela mudança do nosso país. Então a Gilce me falou o seguinte. Ela era da comissão dos direitos humanos, então sempre que chamava, a Gilce ia fazer palestras nas escolas, nas universidades. Era uma militante assim impressionante a Gilce. Pra mim foi sempre um grande exemplo. Aí ela disse que estava em uma faculdade uma vez, falando sobre a questão da tortura, o quê que acontecia com um país. Naquela época é isso que a Comissão da Verdade está tentando, está fazendo, né? Aí ela disse que um jovem virou pra ela e falou assim: “mas, professora, eu não acredito nisso não, eu acho que isso aí não aconteceu não, não é possível”. Aí a Gilce disse que subiu assim um calor amoroso e de revolta no coração dela, que ela falou: “ah, não. Ó, então é o seguinte. Eu vou falar a partir da minha história”. Aí ela contou a história dela. Só aí que as pessoas começaram a acreditar. Então ela me falou, Nair, depois disso eu sempre fazia palestras, mas eu não queria falar de mim. Mas seu fui obrigada a falar de mim. Então é o que ela fazia. Uma vez aqui na universidade, como eu falei, nós trouxemos a Gilce pra dar uma palestra aqui, foi até lá na, acho que na ciências sociais, no DCE a gente trouxe a Gilce, como eu disse, eu nunca tive coragem de ler esse livro, As Moças de Minas. Que eu sabia que eu não ia ter condição. Mas aí a Gilce começou a falar. E falar da história dela. E como eu não tinha lido o livro. Aí quando a Gilce começou a falar, ela dizia assim, que ela sofria tanta tortura, tanta violência sexual, aí ela ficava assim, aí ela disse que ficava olhando a frestinha da janela, que era tudo escuro, pra ver se tava amanhecendo o dia. Porque ela sabia que quando amanhecia o dia, era hora deles pararem de torturá-la. Como você disse, até na tortura tem questão dos horários, né? Então quando a Gilce falou isso, eu nunca tinha entendido bem o quê que é quando a pessoa fala assim, eu tive como se desse um soco no estômago. Olha eu senti um soco no meu estômago de pensar naquela minha amiga, companheira, a quem eu dei o nome da minha filha naquela situação. Então a Gilce hoje não está mais conosco, mas ela está lá junto com a Loreta e de todos os companheiros e camaradas que se foram. A Mariléia está aqui, minha amiga também, professora que também passou pelas prisões de Belo Horizonte, Juiz de Fora, né? Então eu queria agradecer muito essa oportunidade de estar aqui hoje. Eu fiquei muito emocionada, aprendi muito com todos vocês que aqui falaram. E quero, eu já falei com os jovens aqui. Tenho falado muito com o Zé Luiz. A gente precisa voltar um trabalho incansável com a juventude. E aí eu acho que nós todos poderíamos nos colocar a disposição, pelo menos eu e o Zé Luiz nós temos pensado nisso. Estou terminando. Da gente se colocar a disposição das escolas, das universidades, pra gente dar esses depoimentos, porque, olha, é você dando

depoimento falando o que que você viveu, como é que foi, como é que você cresceu. Porque uma vez que você adquire consciência jovens, vocês sabem disso, a gente não volta atrás, a gente não volta atrás. Então nós que estamos aqui, que vivemos essa realidade, nós temos a obrigação de passar pra vocês o que nós aprendemos. E vocês também vão nos ensinar muito, trazer muita força pra gente. Porque depois que a gente passa, eu tô com 72, o Zé Luiz tá com 75. Então a gente começa a ficar meio quebrado, e às vezes a gente acha que não tá valendo a pena mais, a sociedade nossa não valoriza os velhos mesmo, entendeu? Eu custei a deixar meu cabelo branco, hoje eu consigo deixar. Então assim, a gente tem que fazer esse trabalho intergeracional. Os jovens, os velhos, os de meia idade, as crianças. Então, que queria deixar essa mensagem e um grande abraço pra vocês todos. E agradecer mais uma vez essa oportunidade.

ROBSON SÁVIO: Bom, nós vamos agora utilizar mais 15 minutos da nossa audiência para ouvir aquelas pessoas que se inscreveram. Elas falarão ali perto de onde está aquele monitor de Tv à minha esquerda e aí é o seguinte, cada um terá um prazo até três minutos e não serão permitidos nessa fase da nossa audiência perguntas aos depoentes. Se as pessoas quiserem fazer alguma questão aos depoentes, poderá fazê-lo logo após o encerramento a audiência no salão ao lado. Então agora as inscrições é para considerações dos presentes sem direito à questão. Queria chamar então o primeiro que se inscreveu Paulo Vanderlei Tavares Bittar.

PAULO VANDERLEI TAVARES BITTAR: Boa tarde a todos.

ROBSON SÁVIO: Boa tarde.

PAULO VANDERLEI TAVARES BITTAR: Eu fui presidente da Associação dos Trabalhadores Municipais de Juiz de Fora. E em 1980 realizei o primeiro congresso dos servidores públicos do Brasil, onde o servidor público hoje tem o seu 13º salário, que partiu dessa câmara, aqui, o congresso saiu daqui e naquela época nós recebíamos nosso, o salário da categoria, era corrigido no mês de maio. Mas o trabalhador comum recebia janeiro e julho. Então esse congresso que foi o primeiro dos servidores públicos do Brasil e o único aonde que deu para os funcionários públicos o direito de gritar. Eu fui cassado politicamente, sofri danos e sofro até hoje. Fui humilhado muitas vezes. Meus pais sofreram, a minha família sofreu. E muito. Então, eu tô aqui pra por a verdade que todos nós sofremos, principalmente o funcionário público. Eu falo em nome de todos. Estaduais, federais e municipais. Tenho orgulho de falar, eu consegui com a Carta de Juiz de Fora acabar com essa discriminação oficial do servidor público. Eu tenho orgulho disso. Nunca eu me escondi. Desde 1980 eu escondi porque eu fiz um juramento aos meus pais que não ia abrir a boca. Eu vim abrir a boca depois que eles morreram. Então está aí a minha vida. Eu tenho recorte de jornais, tenho tudo que eu sofri. Eu fui preso no Rio, levei muita porrada,

mas não denunciei ninguém. E no final das contas não descobriram ninguém por trás de mim. Achavam que eu tinha políticos atrás de mim que eu estava fazendo. Não. Fiz por honra ao funcionário público que hoje estão tomando conhecimento que eu abri a boca. Nunca denunciei ninguém. Nem a diretoria da ATRAN. Assumi toda a responsabilidade pra mim. As pessoas que me apoiaram ficou tudo nas minhas costas. Só isso. Eu gostaria de deixar bem claro quem sou eu.

ROBSON SÁVIO: Ok Senhor Paulo, eu peço por gentileza que alguém da nossa assessoria da Comissão da Verdade pegue o contato dele em relação aos documentos a que ele está se referindo, para que nós possamos verificar oportunamente. Esses documentos que o senhor está se referindo. Gostaria de convidar então pra suas palavras o Vitor Vilani Cortes.

VITOR VILANI CORTES: Boa tarde a todos, meu nome é Vitor Vilani Cortes. Eu sou filho mais novo de José Vilano Cortes, previamente homenageado aqui. O meu pai só não está aqui hoje porque infelizmente em fevereiro desse ano ele faleceu. Mas deu todo seu depoimento pra Comissão Municipal da Verdade. Eu queria só deixar aqui um pequeno comentário sobre a vida dele. Sindicalista, Presidente do Sindicato dos Bancários e Presidente da Cooperativa de Consumo dos Bancários também, ele foi o primeiro preso político no golpe de 64, preso em 30 de março de 1964, às 07h30 da manhã onde ele trabalhava ali no sindicato. E sofreu agressões físicas e psicológicas, como todos aqui já relataram que sofreram. Meu pai, muito pelo contrário não deixou nunca de lutar. Sempre continuou e sempre batalhou pelos seus ideais. E eu estou aqui hoje realmente prestando essa homenagem a ele. E quando ele fez 88 anos agora em fevereiro, no dia 02 de fevereiro, eu perguntei pra ele: “ô pai, qual que é o segredo de viver 88 anos tendo tudo que você passou todas as coisas e você ainda tá, pô, de pé e assim com muita vontade de trabalhar, como é que é isso, lúcido, trabalhando todos os dias.” Aí ele parou, me olhou assim um pouco e falou assim: “trabalho, luta e coragem”. Então esse foi mais ou menos o lema da vida do meu pai. Ele foi preso na Operação Gaiola e enfim, sofreu todas as consequências da ditadura militar. Eu estou aqui pra dar o testemunho que ele daria se ele estivesse vivo. Então eu deixo vocês hoje com a mensagem que ele me deixou no dia 02 de fevereiro. Trabalho, luta e coragem. Muito obrigado.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado Vitor, eu queria informar que todos os depoimentos que foram coletados pela Comissão da Verdade aqui de Juiz de Fora, eles serão também repassados pra nossa Comissão da Verdade de Minas Gerais. E quero por gentileza que você leve os nossos cumprimentos também aos seus familiares, né? O nosso abraço respeitoso e fraterno, tá ok? Eu gostaria de convidar então na sequência a Cristina Ferraz Mucci.

CRISTINA FERRAZ MUCCI: Bom, boa tarde a todos. Muito importante pra mim estar aqui, porque ao lado de outros colegas da Universidade Federal de Juiz de Fora, nós realizamos um trabalho de suporte à Comissão Municipal da Verdade, várias das pessoas que estão aqui hoje nesse plenário deram depoimentos, foram ouvidos no anfiteatro da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Com professores nossos, vários colegas e cerca de 20 bolsistas de vários cursos da Universidade, que trabalharam nos projetos de extensão. Um desses projetos no ano passado recebeu um prêmio de melhor projeto de extensão na área de ciências sociais aplicadas da Universidade. Porque de certa forma tem revelado essas vozes que durante tanto tempo ficaram caladas. E eu realmente tenho. Nair Guedes é uma pessoa muito importante na minha vida, participei de muitos trabalhos com ela na Universidade. E ela fala dessa necessidade de falarmos, né, de colocarmos as nossas palavras para que as novas gerações e mesmo as antigas gerações, muitas ficaram sem escutar essas vozes durante muito tempo. Então eu acho um momento importantíssimo, o do trabalho da Comissão Municipal de Juiz de Fora, que já se encerrou, mas muita gente continua na militância. O trabalho da Comissão Estadual eu acho que esse é o momento único. Muito importante o trabalho da Comissão Nacional. E eu fico muito impressionada quando viajo, recentemente estive em Tubarão, em Santa Catarina, num seminário intitulado Memórias, Marcas da Memória, em que houve vários colegas de vários estados falando do trabalho que tem desenvolvido, via Universidade, via pesquisa pra dar visibilidade a esse momento da nossa história recente. Aqui em Juiz de Fora nós estamos lançando um site que é linkado ao site da Universidade, www.fjf.br/comissaodaverdade, que reúne os 37 depoimentos coletados pelos nossos alunos e professores. Além de outros depoimentos que foram dados também para outros comitês aqui da cidade e tem um relato bem apurado de tudo que foi feito. E esse site vai continuar a ser abastecido de informação. Então eu acho que isso é muito importante. A gente dar visibilidade a essas histórias, eu acho que é um trabalho incansável. A colega da Estadual de Santa Catarina relatava nesse evento ela é historiadora, e ela trabalha com lado pior, né, mais terrível da repressão que é, são as histórias sobre os torturadores, ela pesquisa isso, fez disso a vida dela e é interessante no aspecto de como ela dizia no depoimento dela, que séculos serão necessários para que nós possamos trazer à tona todas essas histórias. Então eu queria realmente relatar que é importante, esse tipo de iniciativa é fundamental. Queria falar da coragem desses depoentes. Vários dos depoimentos de vocês tem alcançado hoje outras fronteiras, porque tem feito parte de trabalhos de alunos, apresentados em congressos nacionais e internacionais. Então essas histórias não vão morrer.

ROBSON SÁVIO: Professora Cristina, então nós vamos solicitar dentro do possível também essa colaboração mútua, porque como foi dito aqui, o material da Comissão Estadual da Verdade, comporá o Memorial de Direitos Humanos. Então esse material estará disponível a todos os mineiros, né, e os brasileiros terão acesso. E também o material da nossa Comissão fará parte de uma base Nacional de Comissões da Verdade, que é organizada pela procuradoria geral da república em São Paulo. Que tem um procurador federal responsável por isso. Então se a gente tiver acesso ao material, ele acaba sendo ampliado por um circuito um pouco maior. Ok? Muito obrigado. Eu gostaria então de chamar Lucimar Fernandes pra suas considerações.

LUCIMAR FERNANDES: Olá, boa tarde a todos. Lucimar Fernandes então. A minha preocupação são com vocês jovens, que agora eu vejo aqui, está na minoria. Mas depois que Einstein criou, desenvolveu a teoria da relatividade, tudo é relativo. Não existe nem mesmo uma verdade absoluta. Então a gente precisa sim saber qual a verdade nós estamos aqui discutindo. Até porque só tem um lado dela aqui. Então se tivéssemos colocado aqui os militares. A ditadura militar contra a ditadura comunista, são duas ditaduras, nenhuma é boa pra nós. Então eu quero que vocês mesmos desenvolvam o sistema de crença de vocês, porque o que nós temos são adquiridos. Dos nossos pais, avós, professores. Então vocês tem que questionar, interrogar, indagar, duvidar e sempre querer a verdade absoluta. Que mesmo não existindo, pelo menos vai ser a sua verdade. Muito obrigada.

ROBSON SÁVIO: Ok. Eu gostaria de consultar Marita se quer fazer alguma consideração? Gostaria de fazer alguma consideração? Tem um microfone aqui. Pra ela, por gentileza.

MARITA: Dei trabalho a todo mundo, desculpe, viu?

ROBSON SÁVIO: Pois não.

MARITA: Não é bem consideração. Eu gostaria de dizer o seguinte. Todos que estamos aqui sofremos muito. Sofremos horrivelmente. Terrível. Eu fiquei com marido novo, muito novo, naquela época todo mundo era muito novo. Até o Presidente da República. Totalmente outra pessoa que saiu da cadeia. Foi apanhado assim antes, o menino disse que o pai dele tinha sido o primeiro, acho que o meu foi o primeiro a ser preso, Itamar Franco dizia que sim. Porque não era ainda, nem tinha nada de revolução, né, era até uma semana santa quando ele foi preso. Porque era telegrafista, eu também era, nós poderíamos provavelmente avisar lá a Brasília que as tropas estavam descendo. Que o negócio começou aqui. Eu nem sabia disso. A gente era muito novo, gostava de cantar tocar violão, brincar e tudo. Quando ele foi preso na frente dos meninos, arrancado, de coisa no punho, que era algema, aquela coisa e aos pontapés, os meus filhos de quatro, cinco anos, avançaram nos guardas, você já pensou o trauma que foi. Levaram e eu não

sabia pra onde foi. Como todos os diretores dos Correios moravam em cima do correio que hoje tá até lá. Era uma casa grande, a gente morava lá. Fiquei por lá. Dois dias depois mandaram que eu saísse, sem mais sem porque. E eu não sabia do meu marido. Rodei o Brasil todo até achar meu marido, foi uma coisa horrível. Viajei com um defunto dentro de uma ambulância, porque não podia mais voltar e os meninos estavam juntos. Cobri o defunto e viajei. Achei, quando achei conheci o destino do meu marido. Então sofreu o pão que o diabo amassou, as maiores torturas. Embora não tinha nem condições de falar e ficou mais seis anos respondendo processo. Com aquele admirável Doutor Antônio Modesto, que pra mim era pai. Porque foi um sofrimento muito grande. Agora com a morte dele. Ele esteve aqui por minha causa, deputado duas vezes e tudo. E comecei a lutar, porque eu vi que não tava recebendo dinheiro, não tava nada e eu tinha duas crianças pequena. Enfim, trabalhei feito uma louca, trabalho até hoje. Dona Nair Guedes aqui, uma grande amiga, ela me conhece bem, sabe as verdades que eu falo. Até hoje com quase 90 anos, eu estou trabalhando também, para deixar alguma coisa pra essas crianças. Porque até a pensão do meu marido, que eu pedi que passasse para o meu filho, estava comigo, pedi que passasse pro meu filho. Sabia que o meu filho mais moço provavelmente receberia mais do que eu. Eles cortaram. R\$ 3 mil e poucos reais, não era muito. Mas ele ter casa, eu fiz tudo e comprei, fiz plano econômico, não sei o que, comprei. Eles têm. Mas tem que comer, tem que pagar o condomínio. O senhor sabe como é o dia a dia. Então eles não têm. Eu morrer de repente, eles não têm. Que nem a minha pensão também não dá mais direito a filho não. Apesar de todos os documentos que tem. Todos os dois ficaram, são especiais. Tanto um quanto o outro. Então luto consideravelmente. Um mora comigo o outro mora lá com outra pessoa, lá no Rio. Pois bem, tudo isso aconteceu. Eu tenho três advogados, com processos para retirar o que devem a eles. Seja lá quanto for R\$2.000,00, R\$ 3.000,00, R\$ 10.000,00, pra botar no BrasilPrev, é a única coisa que achei boa, porque isso recebe por mês. Eles não têm condição de regular uma coisa maior, um seguro que eu pudesse deixar, então eles fazem isso. Então qualquer coisa que vier. Gente nós temos que recorrer, porque isso aí é uma lei. Agora que tô bem dentro do assunto é uma lei que nos obriga a pagar tudo que nos tiraram, tudo. O meu foi a pensão foi ordenado dele. De vocês foram casa, foi isso. Só vão não pagar mesmo a vida das pessoas que foram. Mas nós temos que andar bem de olho, porque o negócio tá correndo, daqui a um bocado cai de moda, não passa mais, já caiu em exercício findo como se dizia antigamente. Eu peço a todos vocês pra continuar lutando, inclusive eu tô lutando muito. Eu que sou uma pessoa pacata, não fico matando ninguém, tem três advogados comigo, a pessoa é muita importância demais. Três, um vive em Brasília, outro vive em Petrópolis e outro aqui. É advogado por toda vida. Inclusive a Comissão da

Verdade me ofereceu um, cujo irmão tinha morrido também. Doutor Sales Pimenta é doutor de Juiz de Fora e aqui. Se todos fizerem isso eu acho que nós conseguimos alguma coisa. Eu se receber alguma coisa, botar diretamente nesse BrasilPrev que tô fazendo pros meninos. Que com as minhas economias é muito pouco se bota comida, nunca cresce. Se vier alguma coisa pra crescer vou ficar muito agradecida. Depende deles, mas depende muito de nós, vocês sabem como sofremos. Então era só isso. Agradeço.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado.

MARITA: E parabéns, vocês estão de parabéns. Olha, nós ficamos 40 anos sem ninguém pronunciar, sem ninguém pra nos ajudar. Vocês entraram nisso, que Deus dê o céu pra vocês.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado. Eu vou convidar o Vereador Betão pra fazer as suas considerações também antes de nós encerrarmos a nossa audiência. De repente Vereador o senhor vem por aqui. Ah pois não, por favor.

ROBERTO CUPOLILLO "BETÃO": Senhor Presidente, todos os convidados aqui, Zé Luiz, Nair, através do nome deles eu cumprimento a todos os demais. Dentro do que nós podemos assistir, com muitos que nós tivemos contatos na Comissão Municipal da Verdade, né, naquele processo que acho que já, o pessoal recebeu, as pessoas receberam aqui os livros que foram editados aqui pela atual Universidade com a parceria da Câmara. Foi uma demonstração, né, da importância da resistência da luta dos Juiz Foranos nesse processo da ditadura militar. Não só Juiz Foranos, mas o pessoal de toda a Zona da Mata. No processo de resistência que foi naquele momento pra evitar que o golpe de 64 tentasse evitar a retirada de direitos dos trabalhadores. E depois de 50 anos estamos revivendo esse momento, com mais um golpe, não do mesmo formato, mas com prisões, com uma série de torturas, de ascensões já que estão sendo feitos com os trabalhadores. E que nós trabalhadores estamos tendo que reeditar, né, resistência contra esse golpe, contra os ataques aos trabalhadores através da reforma trabalhista, da reforma da previdência. E que com certeza, nós que não somos tão jovens assim também, mas principalmente a juventude, tivemos e temos muito que aprender com vocês que fizeram parte daquela história, aquele momento de resistência que nós vivemos a partir de 64 e até hoje. Então eu gostaria de parabenizar a todos os companheiros e companheiras que tiveram aqui fazendo seus depoimentos, né, em nome talvez do Presidente da Câmara, que prontamente, o Vereador Rodrigo Mattos, prontamente atendeu aqui o Secretário Nilmário Miranda, né, cedendo toda a estrutura da Câmara, a Tv Câmara que tá transmitindo ao vivo, né? A possibilidade de estar realizando esse importante evento aqui pra nós, povo mineiro, povo de Juiz de Fora. Muito obrigado. Pois não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que a lei, alcançasse esse devedores do INSS do que modificar a lei do INSS. Você já viu a Vale que ficou devendo? A VASP? Até esse cara que está aparecendo na televisão aí agora, aqueles 02 irmãos, já estão devendo muito também não é?

ROBERTO CUPOLILLO “BETÃO”: Ok, os sindicatos e as centrais estão buscando isso também Senhor Presidente. Isso. Perfeito o aprendizado aqui.

ROBSON SÁVIO: Ok. Nós agradecemos então a participação do Vereador Betão. Vamos encerrar então a nossa audiência pública. Eu queria pedir a nossa assessora, a Vanusa, que entregue para os depoentes um singela rosa, como nossa forma de agradecimento, né, por essa, pelo fato de vocês terem colaborado aqui conosco. Muito obrigado. Quero também registrar aqui o agradecimento à Câmara Municipal de Juiz de Fora, na pessoa do Presidente Rodrigo Mattos, os companheiros da Tv Câmara que transmitiram, assessoria de comunicação, relações públicas, publicidade, que nos deram todo apoio. O Centro de Referência de Direitos Humanos, a Comissão da Verdade de Juiz de Fora, os depoentes, o Comitê da Memória Verdade e Justiça e toda equipe da Secretaria de Estado de Direitos Humanos Participação Social e Cidadania. Muito obrigado a todos e a todas e até uma próxima oportunidade.